

Sentidos da floresta: entre as florestas antropogênicas da Indigeneidade e a agrofloresta sintrópica de Ernst Götsch.

Palavras-Chave: agricultura tradicional, floresta antropogênica, agrofloresta

Autores(as):

Gabriel de Araujo Silva, IFCH – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). Joana Cabral de Oliveira (orientadora), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O debate em torno de práticas de reflorestamento e agricultura agroflorestal tem alcançado crescente reconhecimento em relação à promoção da biodiversidade, autonomia de comunidades, soberania alimentar, produção de alimentos saudáveis, valorização de agriculturas tradicionais indígenas e quilombolas, assim como por promoverem melhores condições ecológicas e produtivas a longo prazo. Este trabalho traça um panorama destes debates, para isso é realizado um exercício de equivocação controlada entre diferentes perspectivas sobre o plantio de florestas e agroflorestas. Através de uma revisão bibliográfica, utilizando um levantamento multidisciplinar de materiais recentes sobre plantio florestal e agroflorestal são contrastadas as perspectivas da agricultura sintrópica de Ernst Götsch, com a teoria antropológica das florestas antropogênicas, em diálogo com trabalhos sobre a gênese florestal segundo povos indígenas como os Ka'apor, Wajãpi e Kayapo.

O método da equivocação controlada de Viveiros de Castro (2018) explora a diferença entre referentes, contrastando distintas perspectivas de um mesmo objeto conforme os diferentes sujeitos. Esse método surge de uma revisão dos discursos ocidentais da antropologia, enraizados em uma ontologia moderna multiculturalista e uninaturalista, em contraste com a sua proposta de uma antropologia que adere a cosmopraxis ameríndia através de uma teoria perspectiva que admite a pessoalidade transespecífica, definida por oposição como unicultural e multinaturalista. Esta posição implica em uma visão em que todos os entes teriam alma ou cultura como algo em comum, enquanto nos corpos estaria a diferença ontológica que funda a diversidade perspectiva. Uma inversão da visão ocidental em que apenas a humanidade portaria alma e cultura estando ontologicamente cindida da natureza e dos diferentes corpos materiais que seriam formados por uma matéria extensa universal. Neste trabalho o método de equivocação controlada serve como experimento comparativo, na relação dos diferentes agentes investigados sobre a agricultura florestal, ao se valoriza a alteridade perspectiva se evidencia os “equivocos”, assim é possível destacar diferenças onde outras elaborações de tradução intercultural poderiam sublinhar igualdades.

O termo agrofloresta aparece na literatura permeado deste tipo de equívoco. Ele é utilizado para se referir aos sistemas agrícolas tradicionais que existiriam na Amazônia a mais de 4000 anos segundo Miller e Nair (2006), que defendem que o estudo das agricultoras indígenas hoje esta relacionado ao desenvolvimento de novas técnicas que buscam dar respostas a problemas ambientais, sociais e produtivos. Também ganha outro sentido em Enst Götsch, o principal sistematizador das técnicas de agricultura agroflorestal em expansão no Brasil contemporâneo (Silva, 2022), sua sistematização técnica agroflorestal se inspira na agricultura tradicional indígena (Götsch, Schulz e Becker, 1994; Andrade e Pasini, 2022, p.238). Há diferenças de sentido em termos como agrofloresta, agroecologia e agricultura tradicional conforme o sujeito que agencia cada um destes termos.

Ao olhar a base teórica da proposta de Götsch, apresentada por ele na publicação *Homem e Natureza: cultura na agricultura* (Götsch, 1997), onde em resposta a crescente degradação ambiental provocada pela revolução verde, defende que a vida funciona ao contrário da entropia postulada na física newtoniana, a entropia é uma tendência universal para a desestabilização e desorganização. Ele defende que a vida não funcionaria seguindo os princípios da entropia, mas semelhante ao proposto na teoria de Gaia de Linn Margulis e James Lovelock (1995), sustenta que a vida no planeta seria um macroorganismo cujo metabolismo gira com um balanço energético positivo, em processos que vão do simples ao complexo em tendência sintrópica, isto é, o oposto da entropia, um movimento de construção de maiores patamares de equilíbrio e complexidade organizacional. Por isso a proposta de Götsch é nomeada por ele como agricultura sintrópica. Sua proposta inspira experiências de design agroflorestal que levam em consideração em seus planejamentos ambiciosos o consorciamento e estratificação de diferentes cultivos, além da sucessão ecológica de espécies conforme a melhora do solo, em um planejamento horizontal, vertical e temporal do cultivo florestal.

Analisando a taxonomia vegetal Wajãpi, Oliveira (2016) mostra a partir deste povo reconhecido por promover florestas antropogênicas, que para a visão Wajãpi o cultivar floresta não possui uma base subjetiva exclusivamente ou centralmente humana, mas é um processo de agência multiespécies. Com seus roçados hiper diversos, a floresta para eles é pensada como uma série de roças de diferentes seres, o que é percebido na sua própria taxonomia vegetal, onde a tradução dos nomes de vegetais formam expressões como “maniva e mamão de veado, pimenta de carangueijo, batata da alma penada, tabaco de teiú, tabaco de preguiça, batata de sucuri” (Oliveira, 2020, p.6).

Para eles as relações entre os bichos e as plantas como a dispersão de sementes ou outras relações não tão facilmente apreendidas dos animais com as plantas são também atos de cultivo, assim: “Cultivo é uma relação intrínseca àqueles que são amantes (-warã) de alguma planta, seja pelo seu sabor, odor ou motivo que desconhecemos.” (Oliveira, 2020, p.10). Diversas variedades vegetais de florestas são percebidas como “roças” de outros animais e seres, sendo portanto o plantar floresta uma atividade de muitos sujeitos, corroborando uma concepção de humanidade em que esta é compartilhada com outros seres, como proposto no perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2018). Assim as plantas da floresta e o seu cultivo não são entendidas apenas pela sua utilidade na gestão dos recursos para os humanos, mas conforme suas relações de alianças com outros seres:

Um outro equívoco sobre a concepção de plantio florestal antropogênico e o entendimento indígena é observado por Posey (2001), que em seu artigo relata que foi questionado por um Kayapo, este considerando equivocada a afirmação do antropólogo de que eles haviam plantado determinadas culturas e árvores. A maioria das árvores frutíferas e das plantas medicinais descritas por Posey como sendo plantadas e domesticadas pelos Kayapo na realidade pertencem à categoria “natural” para os próprios Kayapo, portanto, não são para eles espécies cultivadas. Havendo categorizações nativas para dispersão de sementes, transplante de tubérculos, propagação de epífitas e outras categorias de manejo que não são para os Kayapo sujeitas do plantar, devido ao agenciamento não exclusivamente humano destes processos de cultivo, mesmo que não sejam assim percebidas na etnografia.

Balée (1989), que etnografou o que foi considerado um abandono da agricultura pelos Kaa'por, defende que as sociedades indígenas das terras baixas para se tornarem coletoras dependem de florestas que tenham sido previamente enriquecidas a partir de processos agrícolas, sendo a sua disponibilidade de recursos alimentares para os humanos fruto da influência antropogênica na formação florestal. Assim, a agricultura indígena itinerante desenvolveu uma tecnologia em que as roças abandonadas, a floresta que nelas se regenera através das capoeiras enriquecidas com árvores frutíferas, tubérculos e outras plantas úteis, são parte de um processo que viabiliza o abandono da própria agricultura entendida como a necessidade de cultivos constantes, permitindo que a colheita seja o próprio manejo florestal por sociedades que optam por abandonar a agricultura voluntariamente.

METODOLOGIA:

Este trabalho é realizado através de uma revisão bibliográfica multidisciplinar, cotejando diferentes publicações sobre agriculturas florestais ou agroflorestais conforme referido de forma resumida na bibliografia. Trata-se de uma pesquisa exploratória, procurando delinear o campo de debate sobre práticas de agricultura florestal ou agroflorestal, inicialmente houve um foco na relação entre práticas de manejo florestal e agrícola indígena dos Kayapo, dos Kaa'por e dos Wajãpi com a agricultura sintrópica sistematizada por Ernst Götsch em suas principais bases teóricas e metodológicas, posteriormente houve uma ampliação desse escopo inicial, sempre procurando delinear os contornos teóricos e constituir hipóteses sobre a interrelação social e técnica entre as diferentes literaturas sobre manejo florestal, mapeados desde as bases teóricas e cosmológicas destas práticas agrícolas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No início de novembro de 2023 apresentei os primeiros resultados desta pesquisa (muito sumariamente apresentada acima) nas Jornadas de Antropologia John Monteiro realizadas na UNICAMP, em Campinas. No fim de novembro de 2023 apresento resultados mais desenvolvidos na IX Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (ReACT), na UFG em Goiânia.

Com o prosseguimento da pesquisa, se ampliou o escopo da bibliografia, primeiro foi realizado um trabalho de revisão bibliográfica sobre sistemas agroflorestais urbanos, junto com a escrita de três relatos de experiência auto etnográficas, como observador participante da Agrofloresta Comunitária da Vila Santa Isabel, da experiência de plantio de um quintal agroflorestal próprio e da roça indígena

produzida como atividade de extensão no Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNICAMP, todos utilizando técnicas agroflorestais agroecológicas no distrito de Barão Geraldo em Campinas. Tendo sido este trabalho apresentado no em maio de 2024 no I Congresso Internacional e Multidisciplinar sobre o Urbano e já publicado nos anais eletrônicos do evento (Silva, 2024).

Posteriormente foram adicionadas a pesquisa leituras referentes aos grandes produtores agroflorestais privados, ao povo Yanomami; a relação entre as florestas e os quilombos segundo a proposta contra colonial de Antonio Bispo dos Santos e da ecologia decolonial de Malcom Ferdinand; assim como a forma como a agrofloresta esta presente nos “Cadernos de Agroecologia” (2020) do Movimento Sem Terra (MST), denominado “Subsídios para construir o Plano Nacional Plantar Árvores, Produzir Alimentos Saudáveis” e no livro manifesto da Teia dos Povos “Por Terra e território: caminho da revolução dos povos no Brasil”, conforme trabalho que apresentei na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Belo Horizonte, 2024). Muito sinteticamente, se observa uma convergência entre povos indígenas e quilombolas em relação a modos de manejo ecológico, o que Bispo dos Santo (2015) conceitualiza como biointeração. Enquanto de outro lado também há uma convergência entre movimentos sociais e empresários da agricultura regenerativa no que diz respeito a sistematização técnica de Ernst Götsch, mesmo que com divergências profundas de práticas e discursos associados.

CONCLUSÕES:

Os casos indígenas apresentados na introdução mostram um descentramento do humano como sujeito principal para o sucesso do cultivo florestal na perspectiva dos próprios povos considerados cultivadores de florestas antropogênicas. Se no design agroflorestal realizado a partir da sistematização de Götsch há uma centralização humana do processo de cultivo florestal, o cultivo tradicional indígena trabalha com uma agenciamento multiespécies mais complexo nos processos que a teoria antropológico entendeu como formadores de florestas antropogênicas. Deste modo podemos observar uma equivocação nos termos de Viveiros de Castro (2018) no sentido da prática de agricultura florestal, pois se para os indígenas este é um cultivo dirigido por várias espécies, no design agroflorestal sistematizado por Götsch a direção é obtida pelo sujeito humano que cultiva.

Outra equivocação pode ser observada no sentido que se dá para as técnicas agroflorestais entre empresários e movimentos sociais, mesmo havendo a convergência de ambos no uso da sistematização técnica inspirada por Götsch, a prática dos movimentos estudados vem acompanhada de discursos políticos de anseio pela produção de bens comuns, de retomada de práticas tradicionais e de uma perspectiva de construção de uma correlação de forças na luta pela reforma agrária e pelo socialismo, essas perspectivas estão ausentes do discurso empresarial, que enfatiza ao contrário, a rentabilidade e o lucro que são possíveis de obter dentro de Sistemas Agroflorestais defendidos como nova tecnologia agrícola que superaria dilemas da revolução verde, em negócios com potencial de escalabilidade e de impactos disruptivos, associados a externalidades positivas que agregam valor, por

atender a crescente demanda ecológica e por alimentos saudáveis, regenerando solos degradados, sequestrando carbono, diversificando a produção, conservando biodiversidade e o ciclo hidrológico.

Esta pesquisa também tem ensejado hipóteses e embasamento para futura pesquisa de mestrado em antropologia que pretendo iniciar no próximo ano.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Dayana; PASINI, Felipe. **Vida em sintropia: Agricultura sintrópica de Ernst Götsch explicada**. Editora Labrador. São Paulo, 2022.
- BALÉE, William. **The culture of Amazonian forests**. Em: Resource management in Amazonia: Indigenous and folk strategies,” edited by Darrell Posey and William Balée, 1–21. New York: New York Botanical Garden Press. 1989.
- BISPO DOS SANTOS, A. **Colonização, Quilombos. Modos e Significados**. Brasília: Editora da Unb. 2015.
- GÖTSCH, E.; SCHULZ, B.; BECKER B; **Indigenous knowledge in a 'modern' sustainable agroforestry system: a case study from eastern Brazil**. Agroforestry Systems 25: 59–69, KluwerAcademic Publishers. Printed in the Netherlands. 1994.
- GÖTSCH, Ernst. **Homem e Natureza: Cultura na Agricultura**. Recife: Centro Sabiá, 1997.
- LOVELOCK, James. **Gaia um Novo Olhar Sobre a Vida na Terra**. Lisboa. Edições 70, 1995
- MILLER, R. P.; NAIR, P. K. R. **Indigenous Agroforestry Systems in Amazonia: From Prehistory to Today**. Agroforestry Systems, 66(2), 151–164. 2006
- OLIVEIRA, Joana Cabral de. **((R)E)Feito Floresta**. ClimaCom – Florestas [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020.
- POSEY, Darrell Addison. **Interpretando e Utilizando a “Realidade” dos Conceitos Indígenas: O que é Preciso Aprender dos Nativos?** In: Diegues, A C.; Moreira, A C. org. Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. NUPAUB – USP. São Paulo. p.279-294. 2001.
- SILVA, Gabriel de Araujo. **Cultivar floresta: entre as florestas antropogênicas da indigeneidade e o impulso da agricultura agroflorestal**. Revista ClimaCom - Políticas Vegetais, n17. 2022.
- SILVA, Gabriel de Araujo. **Reflorestando as cidades: desafios e benefícios de sistemas agroflorestais urbanos em contexto de emergência climática global**. In: Anais eletronicos do I Congresso Internacional e Multidisciplinar sobre o Urbano - Cidades brasileiras: perspectivas a partir do Sul Global, 2024.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A antropologia perspectiva e o método de equivocação controlada**. Aceno - Revista de Antropologia do Centro Oeste. v. 5 n. 10 2018.